

A morte no ser humano, no animal e na planta

Rudolf Steiner

GA 61* Décima terceira conferência Berlim, 29 de fevereiro de 1912

Tradução: Salvador Pane Baruja, 01/03/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Certa vez, ao revisar os escritos da ciência de sua época, Tólstoi¹ expressou sua surpresa, poderia se dizer também sua desaprovação, porque encontrou todas as possíveis pesquisas sobre o desenvolvimento do mundo dos insetos, sobre aspectos do organismo humano que ele considerava insignificantes, mas nada achou nos tratados científicos a respeito das mais importantes questões, das fundamentais perguntas, que mexem com o coração das pessoas. Em meio a tudo isso, escreveu Tólstoi, nada encontrou a respeito da essência da morte. De um determinado ponto de vista, não seria possível considerar sem razão esta objeção partida de um notável escritor contra o espírito da ciência moderna.

Contudo, olhando de outro ponto de vista, deve-se enfatizar que, se essa frase significasse uma acusação, ela seria, de certa forma, injusta perante a ciência moderna, simplesmente porque há muito tempo que ela encontra sua grandeza e significado exatamente na área onde busca, sem sucesso, respostas a questões como, por exemplo, sobre a essência da morte. Quem se apoia nas bases da visão de mundo que aqui será apresentada, realmente não precisa dirigir uma invectiva após a outra contra a ciência moderna. É possível admirar em alto e bom som as grandiosas conquistas dessa ciência, as suas muito significativas realizações, tanto na sua própria área quanto na sua utilização na vida prática e na sociedade humana, e aqui deve se expressar novamente que, de fato, a Ciência Espiritual não precisa esconder a admiração que a ela dirige.

Ora, as mais significativas conquistas da ciência moderna foram alcançadas em áreas que não oferecem pontos de contato com as pesquisas de temas como a morte, a imortalidade e outros assuntos correlatos. A ciência moderna não pode chegar a esses temas porque se atribuiu a tarefa de, a partir de suas bases, investigar a vida material enquanto tal. Contudo, quando a morte interfere na vida,, aí então encontramos, se olharmos com atenção, o ponto de contato entre o espiritual e o material.

Na verdade, quando se fala desses temas, não é necessário concordar com certas invectivas baratas contra os esforços da ciência moderna. Deve-se inclusive repetir o que já foi frequentemente falado, que quem pratica a Ciência Espiritual sente-se mais próximo à maneira como a Ciência Natural atua, em relação ao sentimento de responsabilidade e da consciência moral da ciência, mesmo quando ela não pode chegar às mais importantes questões nem à vida mesma, do que determinadas cruas e quase nuas rusgas que surgem entre diletantes teósofos ou de outras áreas da Ciência Espiritual. Estes geralmente agem com certa leviandade, especialmente no que diz respeito à metodologia, na busca de respostas às perguntas que hoje nos ocupam.

Aliás, ultimamente, a ciência tem começado a se aproximar ao tema da essência da morte. Isso tem acontecido de uma forma singular. Deixando de lado algumas tentativas isoladas, porque ocupar-nos disso seria fugir do tema, devemos assinalar pelo menos um pesquisador que se posicionou de uma maneira muito particular, e sobre ele, a exemplo da polêmica sobre “a origem do ser humano”, devemos dizer o seguinte: o pesquisador da Ciência Espiritual encontra-se numa

1 Vide a obra de Lev Nikoláievich Tólstoi *Sobre a ciência*, Heidelberg/Leipzig 1910.

curiosa situação perante a Ciência {Natural} da atualidade, pois o que esta manifesta sobre um fato pode ser levado em conta, do ponto de vista da Ciência Espiritual, e suas rigorosas provas mostram aquilo que a Ciência Espiritual tem apresentado.

Todavia, a situação é diferente quando se trata de teorias e hipóteses ventiladas perante as pessoas imbuídas da atual visão de mundo mais ou menos materialista ou, como se diz de uma maneira mais erudita, de uma tendência monista. Sente-se que, quanto maior concordância houver sobre os fatos gerados por nossa época, menor é a possibilidade de estar de acordo com as teorias e hipóteses daqueles que pensam que devem construí-las a partir do que se apresenta como fatos surgidos da Ciência Natural, porque acreditam basear-se nos verdadeiros fundamentos dessa mesma ciência.

O pesquisador, que escreveu sobre a essência da morte, apontou, do seu ponto de vista da Ciência Natural, para um aspecto que é muito interessante para a Ciência Espiritual. Ele é Metschnikoff², que durante muito tempo foi diretor do Instituto Pasteur em Paris. A partir de dados conhecidos, ele tentou identificar os fatores que levam à morte de seres vivos, na medida em que hoje em dia isso é possível. Também podemos ocupar-nos, mais tarde, sobre a morte por meios violentos, seja como resultados de acidentes ou de outras causas, mas agora deixemos de lado esse aspecto.

Quando se pesquisa sobre a essência da morte, ela deve ser vista como parte da existência natural, ser considerada como algo que pertence aos fatos da vida. Metschnikoff também assume essa abordagem. Porque o enigma da morte só pode ser desvelado em caso de morte natural, que acontece no final da vida, assim como outros processos naturais também ocorrem no transcorrer da vida. É impossível aceitar que esta parte {Nota do tradutor: da obra de Metschnikoff} só constitui a introdução do que vai ser abordado pela Ciência Natural, para depois passar para as interessantes minúcias dos escritos dos chamados pesquisadores e pensadores.

Deve-se apontar que ele justamente chama a atenção de que, quando o pesquisador observa os fatos da vida, os processos da própria vida, aquilo que, de certo modo, faz a vida se desenvolver e avançar, nela na verdade nada surge de concreto que poderia ser uma razão pela qual a morte intervém na vida, destrói o ser. Metschnikoff quer provar com numerosos exemplos que, quem segue o curso da vida, vê por toda parte que a morte chega, sem que seja necessário falar daquilo que, a caminho da morte, provoca o que se pode chamar de o esgotamento da vida em si mesma.

Este pesquisador assinala inúmeros fatos para provar que os processos da vida continuam sem que estes cheguem a ficar relativamente enfraquecidos, que por isso não se pode falar do esgotamento da vida em si mesma, mas, mesmo assim, a morte acontece num determinado momento. Dessa maneira, o pesquisador chega à extremamente curiosa situação de atribuir o fim da vida nos reinos vegetal, animal e humano a fatores externos, ao aparecimento de certos inimigos da vida, que, ao longo da existência, ganham a disputa, agem como guerreiros ou veneno contra a vida e, finalmente, a destroem.

Em consequência, enquanto que esse pesquisador enxerga em todas as partes do organismo sinais de que este não perece pela própria exaustão, acredita ver esses inimigos da vida onde quer que a morte se aproxime, que são parecidos a formas de envenenamento e provocam o fim da vida.

2 Ilja Metschnikoff, professor der Zoologia.

Temos aqui, portanto, uma hipótese da Ciência Natural – mais do que isso ela não é – que, no final das contas, atribui a morte natural a causas externas, ao surgimento de sinais de envenenamento através de seres vivos dos reinos animal e vegetal, que agem como inimigos da vida e, em determinado momento, destroem o organismo.

Um conflito dessa magnitude utiliza todos os recursos para, em meio dos fenômenos materiais, chegar a ser ele mesmo uma espécie de compreensão geral da essência da morte. Quando a pessoa envereda por esse caminho, ela tenta não ver que na vida orgânica o próprio elemento espiritual pode agir assim e que, talvez, esse elemento espiritual como tal possa ter a ver com a morte, da maneira que esta se apresenta no mundo exterior.

Não seria em absoluto impensável que, aquilo que a princípio se fundamenta no materialismo ou no monismo, possa parecer absurdo, pois justamente aqueles inimigos que agem como forças envenenadoras no organismo se apresentariam como efeitos colaterais de forças espirituais que penetram, atravessam, fortalecem e agem em todos os seres orgânicos que vão ao encontro da morte. Também seria crível que o espírito ativo, que, por um lado, depende do organismo para utilizá-lo como seu instrumento no mundo físico, por outro, poderia oferecer por meios de seus próprios processos a possibilidade de que essas forças inimigas ataquem o organismo para destruí-lo.

Aliás, a pessoa que aceitar participar desta discussão, como é apresentada aqui, deve considerar que a Ciência Natural da atualidade, devido ao seu alinhamento com os meros processos materiais, pesquisa de maneira muito ligeira o surgimento da morte nos organismos, o que ela não deveria fazer. Isso leva a enfatizar que a Ciência Espiritual, que tenta participar a partir da presente época do desenvolvimento espiritual da humanidade, não poderá pesquisar facilmente determinadas questões como o fazem as instituições imbuídas dessa visão de mundo, que acredita descobrir os grandes enigmas existenciais a partir de simples eventos materiais.

Desde já, deve-se chamar a atenção para o fato de que, aqueles que pensam estar agindo a partir do sólido fundamento de naturais dados científicos, não fazem a menor distinção entre o surgimento da morte no ser vegetal, animal ou humano. Afinal, o que tem a morte no reino vegetal em comum com a morte no reino animal e no mundo humano, exceto a destruição do fenômeno sensorial? Bom, ela também tem em comum com a destruição de uma máquina, que é o fim das relações entre as partes dessa máquina. Ao se olhar somente o fenômeno sensorial, é mais fácil falar sobre a morte, pois essa morte é vista como algo uniforme e válido para as plantas, os animais e os seres humanos.

Essa percepção conduz a um caso que já apresentei a algumas das pessoas aqui presentes, mas que continua sendo interessante para entender a relação da ciência com essas questões. Não gostaria de apontar para as convencionais revistas populares, que tentam divulgar as realizações da ciência a amplos círculos da sociedade, mas prefiro falar das assim chamadas melhores discussões sobre esses temas. Assim, temos a oportunidade de fazer referência a um excelente livro de fácil compreensão sobre Fisiologia, escrito pelo grande pesquisador inglês Huxley³, traduzido ao alemão pelo professor I. Rosenthal, de Erlangen. ção

3 Thomas Henry Huxley escreveu *Linhas básicas da Fisiologia*, primeira palestra *Perspectiva geral da constituição e das funções do corpo humano*, Hamburg/Leipzig 1910, p. 20-23, obra reeditada por I. Rosenthal, professor na Universidade de Erlangen, Alemanha.

Logo nas primeiras páginas deste livro, lemos como, em poucas palavras, a morte é tratada de uma forma muito estranha, pelo qual fica clara a maneira inadequada com que, não a pesquisa, mas o pensar, o julgamento, da Ciência {Natural} se expressa atualmente. Assim, bem no início de *Linhas básicas da Fisiologia*, Huxley diz o seguinte: A vida do ser humano depende de três coisas e quando estas são destruídas aí então acontece a morte. Primeiro, quando o cérebro é destruído; segundo, quando a respiração pulmonar cessa; e terceiro, quando a atividade cardíaca deixa de acontecer; aí então o ser humano deveria morrer.

Porém, disse Huxley, curiosamente não se pode afirmar que a morte do ser humano deve ocorrer quando essas três citadas funções do organismo deixarem de acontecer – aliás, não se sabe se hoje em dia {1912} esse “curiosamente” é sentido assim, porque os hábitos de pensar sofrem a influência da sabedoria materialista. Seria possível imaginar que se o cérebro não funcionasse mais, mas as atividades pulmonares e cardíacas forem mantidas artificialmente, então a vida ainda continuaria por um tempo, mesmo que o cérebro deixasse de funcionar. Se essa expressão “curiosamente” é sentida dessa maneira parece ser bem mais uma questão dos hábitos de pensar.

Na verdade, deveria se dizer que, a partir do momento que o ser humano não pode mais utilizar o cérebro como instrumento no mundo físico, a vida dessa pessoa não pode ser vista como a continuidade de sua existência. Diante de uma situação assim, deveria se reconhecer que a vida dessa pessoa chegou ao fim, quando na sua existência física não mais pode acontecer aquilo para o qual ela precisa do cérebro como instrumento. Se de alguma forma fosse possível manter as funções respiratórias e cardíacas {da pessoa}, a continuidade da vida seria talvez no sentido de um ser vegetal e, caso quisesse falar sem preconceitos, deveria se dizer que, assim que ocorrer a morte que deve acontecer quando cessarem as funções respiratórias e cardíacas, aí vem a ser uma morte vegetal, adicional à primeira morte.

Só é possível falar sem preconceitos da morte do ser humano quando ela ocorre porque a pessoa não pode mais utilizar o mais significativo instrumento com o qual ela vive no mundo físico, com o qual ela capta conscientemente os fatos da vida. Somente o fim dessa vivência consciente dos fatos da vida no mundo físico, devido a que ela está sujeita à necessidade do funcionamento do cérebro, deveria ser considerado como a morte do ser humano. Mas fica logo clara a maneira superficial como o próprio Huxley trata do assunto, pois, nas mesmas páginas onde ele fala da morte, a seguir afirma que a Ciência Natural ainda não conseguiu proceder conforme uma antiga doutrina, pela qual, na sua opinião, somente pela transmigração das almas pode-se acompanhar a continuidade espiritual da existência dos fatos anímicos, depois que o ser humano passou pelo limiar da morte.

Huxley afirma que a moderna Ciência Natural ainda não consegue acompanhar como se desfazem os elementos que constituem o organismo humano, o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e outros, depois de sua passagem pelo limiar da morte. Esse pesquisador acredita que, dessa maneira, a Ciência Natural poderia contribuir parcialmente para desvendar o sentido da morte, quando puder refazer os caminhos que a matéria, que constitui o corpo humano durante a vida, percorre após a morte.

É significativo e interessante que, no final do seu primeiro tratado de Fisiologia, este pesquisador faz alusão a palavras que somente fazem sentido quando são pronunciadas pelo sombrio e melancólico príncipe danês Hamlet, mas que não fazem parte de estudos sérios sobre a essência da morte. Quando nos interrogamos sobre a essência da morte, nosso interesse dirige-se

necessariamente para aquilo que é o núcleo da essência do ser humano, e de maneira nenhuma ficamos satisfeitos ao saber como agem os elementos materiais que constituíram o corpo físico, enquanto o núcleo da essência anímico-espiritual do ser humano ainda conseguiu utilizar seus instrumentos exteriores. A partir de sua sombria melancolia Hamlet⁴ disse:

O imperial César, morto, tornou-se pó,
Serve talvez para vedar uma fenda contra o áspero vento do norte
E essa argila, que espalhava o terror sobre o universo,
Calafeta um muro para impedir que o vento passe.

O melancólico pode dizer algo assim e o entendemos nas dramáticas circunstâncias {da obra de Shakespeare}. Mas quando um pesquisador afirma que as moléculas e os átomos, que outrora eram o corpo do César, poderiam viver na essência de algum outro ser, assim como Huxley diz, numa pessoa de cor, num carro ou num buraco da parede, então quem leva a sério o tema sente, a partir das profundezas do pensamento, que um pensar dessa natureza não pode desvendar as grandes questões do mundo. Este não é um argumento contra a Ciência Natural, que atingiu grandes feitos na área material.

Aqui apenas deve ser caracterizado como, de um lado, a Ciência Natural deve conceber e manter suas fronteiras, além de responder às interrogações dos processos materiais e do destino da matéria, e, do outro, como os representantes dessa visão de mundo, através do que conhecem por meio de pesquisas sérias, querem criar uma visão de mundo sobre o que a morte é; e como eles, caso quisessem manter-se no terreno dos fatos materiais concretos, deveriam estar conscientes de que já ultrapassaram essas fronteiras. Como eu já disse, não é fácil para a Ciência Espiritual. Ela deve pesquisar o que pode ser chamado de morte nas plantas, separadamente, do que é nos animais e, em especial, no mundo do ser humano.

Não é possível formular uma concepção do que seja a essência da morte no reino vegetal se, como geralmente se faz, cada planta for observada isoladamente. Hoje não vamos aprofundar o conteúdo de conferências anteriores, que mostravam como a Ciência Espiritual observa a própria Terra como um grande ser vivo, cujo processo vital tem mudado ao longo do seu desenvolvimento. Se formos pesquisar o processo vital da Terra dos tempos antigos, iríamos achar que ela foi, em tempos passados, um ser absolutamente diferente do atual, e que passou por um processo que oprimiu a totalidade da vida na Terra e a deslocou para as áreas específicas do reino vegetal, animal e humano.

Mas a Ciência Espiritual não pensa a Terra da atualidade como um mero conjunto de substâncias físicas, assim como fazem a Física, a Geologia e a Mineralogia hoje em dia. Ao contrário, a Ciência Espiritual deve ver, naquilo que é o chão mineral da existência que recebemos e sobre o qual andamos, como algo sólido e parte do conjunto do organismo da Terra, igual ou parecido ao sólido esqueleto surgido das partes moles do organismo humano. Assim como no ser humano o sólido esqueleto tende a ser um mero sistema físico, um simples conjunto de órgãos físicos, vemos também o imenso organismo da Terra, que se apresenta nos efeitos de sua ação física e química, como uma espécie de esqueleto da Terra.

4 Adaptação livre da peça de William Shakespeare, *Hamlet, drama em cinco actos*, traduzida por Luís I rei de Portugal, Imprensa Nacional, 1880, Lisboa.

Do ponto de vista da Ciência Espiritual, tudo o que se separa da totalidade da vida e tudo o que acontece na Terra, o que ocorre nos processos da Terra, devem ser vistos como uma unidade. Portanto, é um erro observar uma planta isoladamente como se existisse individualmente, assim como erramos quando observamos um único cabelo humano, ou uma unha, e quisermos estudá-lo como um ser individual. O cabelo, a unha, só faz sentido e tem significado quando não é visto isoladamente, mas em relação ao organismo onde o cabelo, a unha, se encontra, e aí então pode-se conhecer as suas leis constitutivas. Nesse sentido, uma única planta, tudo o que é vegetal na Terra, pertence ao organismo da Terra.

Devo acrescentar o seguinte: as presentes afirmações da Ciência Espiritual já foram mostradas em conferências anteriores e não constituem conclusões feitas a partir do que o ser humano vê no seu meio ambiente. Quando a Ciência Espiritual apresenta como análogos os processos que ocorrem no ser humano, isso é necessário para argumentar, porque sente-se na obrigação de fazer essas analogias, na medida em que aquilo que a pesquisa espiritual primeiro observa no mundo depois visualiza e simboliza no organismo humano, porque isso representa inicialmente a relação entre o corporal e o espiritual, que se entende melhor quando se visualiza no {elemento} humano-espiritual.

Mas aquilo que constitui a planta, inserida no enorme organismo da Terra e a esta pertencente assim como unhas e cabelos ao organismo humano, não é deduzido por analogia pela Ciência Espiritual, pois o pesquisador espiritual percorre os caminhos aqui descritos ou sugeridos, que podem ser exaustivamente acompanhados no livro *Como se alcança o conhecimento dos mundos superiores?*^{NT} O fundamental desse caminho é que o ser humano amplia a sua própria consciência, que ele deixa de viver somente em si mesmo, que ele não mais apenas capta o que o mundo exterior lhe oferece, que ele deixa de receber impressões que somente podem ser absorvidas pelos sentidos e que a razão só pode conceber porque se liga a esse instrumento de percepção que é o cérebro.

Ao contrário, o resultado desse caminho de pesquisa é que a pessoa se separa do instrumento corporal, que ele começa a participar do mundo espiritual, e, assim, passa a ter no seu horizonte não somente o que os sentidos captam e a razão mostra, mas, agora, também {convive com} os seres e as forças espirituais. Para o pesquisador espiritual existe o que pode ser chamado de o {elemento} anímico da Terra, que a vivifica, assim como existe o anímico que vivifica o ser humano. O pesquisador espiritual expande a sua consciência até um horizonte que inclui a concepção direta do anímico vivificante de toda a Terra. A partir daí, o reino vegetal não é mais apenas a soma de plantas isoladas, mas aquilo que pode ser chamado de a alma da Terra, que tem a ver com o que se entrelaça e vive como planta na Terra.

Contudo, trata-se ainda de saber o seguinte: como podemos imaginar que as plantas surgem e perecem? Como podemos imaginar, de certa maneira, o nascimento e a morte das plantas? Logo vamos ver que, no fundo, essas palavras têm pouco sentido real, assim como quando alguém vê a queda dos cabelos de um ser humano, mas diz que os cabelos morrem. Assim que a pessoa se elevar ao pensamento de que a Terra é um organismo vivo, ela ganha uma compreensão absolutamente nova sobre as plantas que surgem e definham no reino vegetal.

NT: Título em português: *O conhecimento dos mundos superiores*, Editora Antroposófica, São Paulo, 2002.

Não é quem segue exteriormente a evolução do broto de uma planta avulsa até o surgimento de um novo broto, mas somente quem contempla a totalidade da vida vegetal na Terra verá claramente que está em jogo muito mais do que se denomina o surgimento e o definhamento no reino vegetal ou no humano. Com exceção das chamadas plantas perenes, vemos que a ação dos elementos no transcorrer do ano está intimamente relacionada ao surgimento e ao definhamento das plantas, muito diferente do que acontece com os animais. Estes não conhecem a morte em ligação com as aparências externas da natureza, como é o caso das plantas anuais, que murcham em relação a certos fenômenos que atingem toda a natureza da Terra, a exemplo do outono.

De fato, a vida das plantas é vista de maneira abstrata, separada de sua inserção na existência da toda a Terra; isso ocorre quando se observa uma planta específica e não se considera o ritmo de sua vida anual marcada por ondas crescentes e decrescentes, que, numa determinada época, fazem brotar e florir as plantas, que depois atingem determinada maturidade e, em outra época, voltam a murchar. Ao contemplar por completo esse processo, já se pode formular uma observação superficial e racional, mas sem chegar ao que surge da essência da Ciência Espiritual. Aqui não tem simplesmente a ver com o nascimento e morte de uma planta avulsa, mas com um processo que abrange toda a Terra, com algo que vive e se entrelaça com a totalidade da existência do planeta.

Mas onde podemos encontrar o que nos permite entender nas suas próprias manifestações o que combina com o germinar e o murchar das plantas, assim como pensamos que o espiritual anima a Terra? Onde podemos encontrar o que surge diante dos olhos da alma e torna compreensíveis esses processos exteriores?

Se olhar da maneira correta, o pesquisador percebe que tem em si mesmo, na sua própria natureza humana, algo que permite dizer como ocorre esse surgir e murchar no mundo vegetal. Em meio da natureza humana, encontramos aquilo que chamamos de os nossos corriqueiros fenômenos conscientes. Mas sabemos muito bem que eles somente são perceptíveis para o ser humano na sua corriqueira vida da vigília e até o adormecer. Os processos de adormecer e acordar são processos muito curiosos da vida humana.

Afinal, o que percebemos disso tudo? Ao adormecer, percebemos que o conjunto de nosso processo anímico interior mergulha numa escuridão indeterminada, que nossos pensamentos, representações mentais, sentimentos e impulsos volitivos desaparecem num escuro estado de sono. Ao acordar, percebemos que emergimos do conjunto desse conteúdo anímico. Disso somos conscientes. Sem dúvida que seria absurdo pensar que o sono nada tem a ver com o que existe no conjunto da organização do ser humano. Sabemos o significado que tem para a nossa existência física dormir bem e ordenadamente, na medida em que o espírito e a alma também devem viver nela. Sabemos o que devemos ao sono ordenado.

É só fazer menção de que, quem quiser desenvolver uma boa memória, precisa captar suficientemente bem para poder memorizar. Fala-se que, quem não quiser desgastar a sua memória ao ponto dela se tornar inservível, deve consultar o travesseiro uma e outra vez. Vê-se muito claramente que, quem precisar aprender muito de cor, deve agradecer o enorme efeito do sono ordenado na memória. Mas, além disso, parece muito evidente que o efeito da vida cotidiana que sentimos como cansaço ou exaustão é consequência da nossa vida em estado de vigília consciente.

Enquanto realizamos nossos processos anímicos – da vida volitiva, dos sentimentos e do pensar –, interferimos na organização mais fina de nosso organismo, sendo que os processos volitivos atingem inclusive as suas partes mais grosseiras. Uma observação muito superficial pode mostrar que somente a intervenção consciente de nossas representações mentais, de nossos sentimentos e de nossa vontade pode gerar cansaço dos nervos, músculos e outros órgãos do nosso organismo. Sabe-se muito bem que, quando a pessoa se entrega aos devaneios da vida cotidiana, quando um pensamento substitui o outro, ela fica menos cansada do que quando se deve pensar sob a pressão de um método ou um processo de aprendizagem.

Também sabemos que os músculos cardíacos e pulmonares trabalham incansavelmente a vida inteira, e que não precisam dormir ou descansar, porque não se cansam, pois o organismo só utiliza a nível inconsciente ou subconsciente as atividades apropriadas ao seu desempenho. Somente quando agimos conscientemente é que surge o cansaço. Por isso, podemos dizer que vemos como nossos processos anímicos interferem na vida corporal, como o que age na alma produz efeitos na vida corporal.

Os processos corporais que poderíamos chamar de naturais – os do coração, dos pulmões e do contínuo processo vital –, o que eles causam? Eles não geram esgotamento nem cansaço. A intervenção dos processos conscientes gera cansaço. Devido à ação da consciência no nosso organismo, sentimos o seu desgaste, a sua destruição.

Agora chegamos ao ponto onde podemos compreender as funções e os significados do sono. O desgaste que o organismo sofreu durante o dia, o que foi destruído pelas atividades conscientes, isso deverá ser reconstituído durante o sono, mediante o desligamento das atividades conscientes. O organismo deve entregar-se a si mesmo e realizar processos primordiais, que lhe são originalmente próprios. Agora podemos dizer que, curiosamente, a Ciência Espiritual entra novamente em contato com o que os fatos científicos relatam, inclusive na forma apresentada pelo pesquisador russo e diretor durante muito tempo do Instituto Pasteur de Paris.

Poderíamos dizer agora que é a própria consciência, a mesma vida espiritual do ser humano, que gera o esgotamento e o cansaço do organismo, para que ela possa continuar existindo, para que ela possa, no mínimo, estar aí {na Terra}? Poderíamos esclarecer a hipótese deste pesquisador – porque os inimigos caracterizados por ele penetram no nosso organismo? –, respondendo que, no fundo, o processo consciente se mostra sempre como uma forma de envenenamento diante do que é o elemento vivo, o orgânico, no ser humano.

Não chegaríamos de jeito nenhum a atingir a nossa elevada vida espiritual, se, antes disso, não destruirmos o organismo. Justamente nos processos que são inimigos do organismo repousa a contigência da nossa consciência. Se quisermos falar de um efeito envenenador em relação às atividades orgânicas, nós teríamos que dizer: o que devemos ver como uma benção, como a grande cura de nossa vida, o fato de que o ser humano poder existir como ser consciente num corpo físico e desenvolver atividades conscientes, isso é consequência da circunstância de que nós podemos interferir na nossa vida consciente, envenenando, destruindo, o nosso organismo.

Esse processo de envenenamento e de destruição não constitui um processo irreparável, mas o organismo o recebe de tal forma que, quando o processo de destruição chega a determinado estágio, a vida espiritual consciente se retira e deixa o organismo entregue à sua própria ação. É, então, quando o sono chega, durante o qual o organismo pode agir por conta própria e restitui aquilo

que fora destruído pelos fenômenos conscientes da vida anímica. O cientista espiritual tem conhecimento de todas as mais ou menos engenhosas e significativas hipóteses elaboradas com respeito ao sono e ao cansaço e deveríamos falar exaustivamente, se quisermos discuti-las. Porém, não vamos discutir essas hipóteses materialistas, mas apresentar o fato de que a consciência com seu próprio conteúdo deve interferir e destruir o organismo, que acolhe o instrumento físico utilizado pela consciência, e que o sono compensa e cura a destruição ocorrida durante esses processos. Por isso, pode-se dizer que o sono é a instância que cura aqueles estados parecidos a processos doentes que a consciência gera no organismo.

Quando o pesquisador espiritual chega ao ponto de ver com a consciência normal não somente como o sono, as idéias e outras atividades conscientes afundam numa escuridão indeterminada, mas também de realmente captar o que se segue, aí então ele pode acompanhar esse processo de adormecer e de despertar. A pesquisa espiritual possibilita adquirir autoconhecimento no mais amplo sentido da palavra. Assim, tem-se uma verdadeira compreensão dos processos que ocorrem com o adormecer e com o despertar do que é vivo.

Por meio da pesquisa espiritual, processo que inclui o sentir e o pensar, percebe-se em cada adormecer realmente algo semelhante à vida que germina no organismo, mas, como só ocorre no organismo, tem o valor equivalente ao que acontece no reino vegetal. Todas as noites, ao adormecer, a pessoa pode vivenciar como o seu próprio organismo se apaga, com toda a vida anímica que a consciência preencheu durante o dia. Ao mesmo tempo, a pessoa vê germinar no próprio organismo um processo construtivo, não destrutivo, algo parecido ao nascimento de um vegetal. Assim, durante o sono tem-se a impressão de vivenciar uma espécie de vegetação no próprio organismo. A vivência de como as representações mentais conscientes desaparecem ao adormecer, quando então vemos surgir do inconsciente aquilo que é meramente vegetal, assemelha-se à sensação que se tem na primavera. Nesse sentido, o instante do adormecer mostra ser absolutamente igual ao crescimento do reino vegetal, que nasce e brota na primavera.

Ao observar dessa maneira a vida vegetal, a pessoa deixa de comparar o crescimento das plantas na primavera com o que se pode chamar de o nascimento do ser humano, ou do animal, e passa a reconhecer que a grande Mãe Terra constitui um organismo integral, onde durante a primavera, naquela parte do planeta onde é primavera, vivencia-se o mesmo que o ser humano sente ao adormecer. O erro de certas comparações é que geralmente não se observa a realidade das coisas, mas somente as suas circunstâncias exteriores.

Algumas pessoas comparam esse crescimento das plantas na primavera a um processo que se repete periodicamente no ser humano, que não é nem o da morte, nem o do nascimento, mas que a fantasia dessas pessoas compara os rebentos das plantas com o momento do despertar do ser humano. Isso está errado! A primavera não deve ser comparada com o despertar, com o retorno do conteúdo da vida anímica, mas com o adormecer, com o sumiço da vida espiritual interior, com o desaparecimento dos fatos anímicos, e o surgimento do que é mero organismo, do simples vegetal no ser humano.

A pessoa que, graças à consciência clarividente, consegue acompanhar conscientemente o momento do despertar vê como suas representações mentais e tudo o que ela lembra surgem dessa escuridão incerta, e assim chega novamente o instante da necessidade de destruir toda a vegetação interior que crescerá. De fato, é como quando, ao despertar pela manhã, com o retorno de nossas

representações mentais o outono soprasse e dispersasse o que crescera durante a noite, como um fenômeno interior comparável ao que acontece na Terra quando as plantas murcham com a proximidade do outono.

Porém, o processo no ser humano com seus dois estados de consciencia de acordar e dormir não é exatamente igual ao da Terra, onde sempre, enquanto uma metade {da Terra} dorme, a outra está desperta, e, assim, o sono passa com o movimento do sol de um hemisfério a outro. Portanto, a Terra é um organismo bem maior, que vive seu sono existencial da primavera ao outono e notamos isso por meio dos seus órgãos externos, que brotam e crescem no mundo vegetal, e que, com a chegada do outono, se recolhe à sua espiritualidade, ao que vem a ser o anímico da Terra, pois a vida na Terra transcorre entre o outono e a primavera.

É por isso que não se pode falar de uma autêntica morte das plantas, ou de um autêntico nascimento, mas somente de um adormecer e despertar da totalidade do organismo da Terra. Assim como não falamos da morte ou do nascimento de nosso mundo do pensar durante a rítmica repetição do adormecer e despertar num período de 24 horas, também não deveríamos falar da vida e da morte das plantas, se quisermos falar conforme a realidade, mas devemos considerar a totalidade do organismo da Terra e observar o seu processo vegetal como sendo o despertar e o adormecer da Terra. Se nos alegrarmos principalmente com aquilo que brota da Terra, se lembrarmos como os seres humanos de tempos passados celebravam, a partir da alegria da nascente vida na natureza, as festas juninas, temos aí então a época do ano que corresponde à meia-noite no organismo do ser humano e à sua corporalidade exterior.^{NT}

Quando, porém, os seres humanos se preparam para celebrar a festa do Natal enquanto a vida exterior lentamente fenece, a Terra realiza seus processos espirituais, numa época na qual o ser humano estabelece a melhor relação possível com a totalidade da vida espiritual da Terra, o que ele, a partir de um verdadeiro instinto, alude ao porque das festas espirituais da humanidade foram instituídas no inverno. Eu sei que a Ciência Natural pode argumentar contra isso, mas a Ciência Natural não considera os verdadeiros instintos do ser humano.

No lugar de pesquisar o que poderíamos chamar de a morte no reino animal através de juízos análogos, vamos expressar novamente o que a Ciência Espiritual tem para oferecer por meio de um processo que ocorre no ser humano. Observando cuidadosamente, devemos considerar que a nossa vida anímica segue um percurso diferente daquele que, através do intercâmbio entre o despertar e o adormecer, leva à promoção e à fecundidade da nossa vida anímica. É mister apontar logo que o ser humano, a partir do primeiro momento de sua infância e do qual ele pode lembrar de maneira consciente durante toda a vida, vive uma espécie de processo de amadurecimento. O ser humano torna-se cada vez mais maduro, à medida que for absorvendo as experiências da vida.

O processo de amadurecimento se consuma de uma maneira muito singular. A possibilidade de se falar de um Eu humano só existe porque podemos lembrar-nos de tudo o que vivemos no passado até um determinado momento, mas que só lembramos daquilo que pode ser chamado de

NT: Rudolf Steiner refere-se à sincronicidade instaurada nos países de maioria cristã no hemisfério norte entre os fenômenos cósmico-espirituais (perceptíveis na natureza e no ser humano) e a celebração de determinadas festividades alusivas a esses fenômenos. Assim, nessa região do mundo o Natal é comemorado no inverno e a festa junina no verão. Por motivos histórico-culturais, no Brasil, como em outros países do hemisfério sul, o Natal é lembrado no verão e a festa junina é realizada no inverno.

representações mentais e pensamentos. Isso é muito curioso, mas cada pessoa pode pesquisar por conta própria. Se os senhores lembrarem de um fato doloroso ou prazeroso que, por exemplo, aconteceu trinta anos atrás, os senhores irão dizer: posso lembrar muito bem todas as minúcias das idéias que eu tive, posso reconstruí-las mentalmente, mas, diferentemente do que costuma acontecer com os pensamentos, elas não possuem a vivacidade do prazer, ou da dor, sentido em ligação aos fatos daquela época.

Essas minúcias de fatos passados perderam vivacidade, se separaram do lembrado e sumiram numa incerta escuridão. Existem exceções, sim; pode-se dizer que as representações mentais sempre serão resgatadas dos profundos níveis da nossa vida anímica, mas devemos deixar lá no fundo nossas lembranças relacionadas aos sentimentos, às emoções, às paixões vividas naquela época. O vivido emocionalmente fica lá no fundo, separado das meras representações mentais. E isso se perde? Passa a integrar o nada? Não é caso. Pode parecer {perdido} para quem não contempla consciente e pormenorizadamente a vida humana.

Já o observador consciencioso e universalista considera que, quando pesquisamos um momento determinado da existência humana, por exemplo em torno dos quarenta anos de idade, encontramos uma certa configuração, uma configuração anímica, mas também uma configuração física de saúde ou de doença. A pessoa apresenta um estado de triste melancolia, com certa depressão, ou de alegria ou algum tipo de temperamento flegmático, certa ligeireza diante dos eventos do mundo, parcialmente aberto ao que pode proporcionar prazer, alegria, etc. Nem sempre deve-se separar a constituição anímica da pessoa de sua corporalidade, pois a função corporal depende também do estado anímico que ela apresenta. Se alguém avaliar o estado anímico e a constituição geral de uma pessoa numa determinada idade, logo pode perceber onde foram parar as vivências anímicas que se separaram da vida intelectual e que, posteriormente, só são acessíveis por meio das representações mentais.

O que se separou das disposições da alma ligou-se a nossa organização profunda, não pode ser lembrada no âmbito da nossa vida interior, mas expressa-se nela sob formas sadias ou doentias. Onde ficaram as disposições da alma, das quais não conseguimos nos lembrar? Elas se encontram nas profundezas da vida físico-anímica e conformam uma determinada constituição no conjunto da vida de uma pessoa. Assim como precisamos da memória no transcorrer da nossa vida consciente, e assim como a memória durante o sono sempre mergulha numa escuridão indeterminada, assim também mergulham nossas disposições anímicas na escuridão do nosso ser total e {a partir daí} operam na totalidade da nossa constituição.

Estamos, portanto, diante de um segundo elemento que age no ser humano. Se dirigirmos agora o nosso olhar para a totalidade do organismo da Terra e o observamos com um ser vivo, veremos, aliás, que não podemos dizer que as forças anímico-espirituais que agem no organismo da Terra estão organizadas como a alma do ser humano. A Ciência Espiritual mostra que, assim como o ser humano, muitos seres vivem na esfera anímica da Terra, de tal forma que a essência anímica da Terra mostra ser uma variedade, ao passo que o ser humano é uma unidade.

Neste contexto, porém pode-se comparar perfeitamente o anímico da Terra, que acabei de caracterizar, com as vivências anímicas humanas. Se olharmos como nossas disposições da alma mergulham em nosso próprio organismo, como trabalham em nossa corporalidade e se expressam em nossa constituição geral, veremos que {no ser humano} existe um processo paralelo ao que

constitui o processo geral da Terra, concretamente em tudo o que se manifesta na formação da essência dos animais. Nos seres humanos, entretanto, só o que é empurrado para baixo na escuridão da sua constituição corporal desencadeia um processo físico-anímico.

No caso da Terra, as correspondentes vivências anímico-espirituais como que se cristalizam no surgimento e no desaparecimento das espécies animais. Sei muito bem que a pessoa, que acredita construir uma hipótese a partir de uma visão de mundo aparentemente baseada na Ciência Natural, pode sentir uma reviravolta no estômago ao ver a maneira como acontece uma discussão parecida a esta, e eu posso compreender a sua reação.

Mas veremos que o pensar e o julgamento do ser humano, que deverão conduzir ao esclarecimento sobre os processos da morte e do surgimento da vida na Terra, tomarão a direção do próximo desenvolvimento espiritual aqui indicado, porque todos os fatos que vemos na própria Ciência Natural nos levam a ver que é assim mesmo. Da mesma maneira como o ser humano constata que as disposições da alma mergulham na sua organização corporal e agem na constituição orgânica, assim também ele enxerga na organização exterior da Terra os processos do surgimento do mundo animal.

Contudo, no caso do ser humano existe mais um processo. Vemos como, a partir da organização geral, surgem na alma o que chamamos de elevados sentimentos e sensações. O que vem a ser essa singularidade {humana}? A pessoa que se posiciona sem preconceitos, despida de falsos sentimentos de asceta, aparente santidade e imaginária devoção, verá o seguinte: o que poderíamos considerar os mais elevados sentimentos morais e aqueles estados de ânimo que geram entusiasmo por tudo que é bom, belo e verdadeiro, por tudo que leva o mundo ao desenvolvimento, tudo isso só vive em nosso ser porque conseguimos elevar-nos sobre o que existe de instintivo na nossa constituição anímica. É assim que, graças aos nossos sentimentos espirituais, ao nosso entusiasmo espiritual, podemos elevar-nos sobre o que surge em nossa organização corporal.

Isso pode chegar ao ponto de quem se entusiasma na vida espiritual depende daquilo que é objeto de seu entusiasmo e pode sacrificar facilmente a sua vida material para poder viver o que inflama seus elevados sentimentos morais e estéticos. Vemos aí como, ao reprimir a nossa mera natureza orgânica, o elemento espiritual que vive no entusiasmo se eleva até estados de ânimo que, a princípio, nada têm a ver com a vida orgânica.

Assim, no ser humano desenvolve-se também o elemento que o empurra às profundezas do seu ser e que, lá no fundo, constrói os seus processos orgânicos. Das profundezas do seu ser, porém, também surgem seus sentimentos morais e espirituais, sua constituição anímica, que, à medida que a pessoa se desenvolver, triunfa sobre o que constitui a mera constituição orgânica, física, instintiva, do ser humano.

Esse processo, que no ser humano está distribuído em dois elementos, também acontece no reino animal. Assim como nossa constituição anímica mergulha na vida corporal e nosso estado de ânimo influi até gerar saúde ou doença, vemos como o que afunda na constituição das sensações da Terra se manifesta na vida animal. As sensações e as paixões da Terra se manifestam no reino animal, assim como nossas paixões e sentimentos o fazem na nossa constituição geral. Quando contemplamos o mundo animal, vemos em cada forma avulsa o resultado da constituição anímica da Terra.

Logo, quando observamos a Terra como que se espalhando pela vida do reino animal e se unindo da maneira mais íntima possível ao corpo físico visível, nada mais vemos do que a vitória do espiritual, daquilo que chamamos de a alma grupal dos animais, o supracensível que encontra um representante exterior e que vence a exterioridade, assim como os sentimentos espirituais vencem o mero instinto no ser humano. Os processos exteriores do organismo da Terra permitem que a morte atinja cada animal, assim como o {elemento} espiritual vence aquilo que tem meramente a ver com o orgânico no ser humano.

Quando vemos o {elemento} espiritual agir dessa maneira no {reino} animal, deixamos de aplicar os conceitos de nascimento e morte próprios ao ser humano aos estágios de surgimento e de desaparecimento do animal. Aliás, no caso dos animais, o processo geral da Terra é muito mais individualizado do que no caso do reino vegetal. Mesmo assim, ao observar uma alma grupal animal avulsa, devemos considerar que a morte de cada animal particular leva ao desaparecimento da corporalidade exterior, mas também que a alma grupal do animal, o seu {elemento} espiritual, sempre vence a corporalidade, igualmente como no ser humano o {elemento} espiritual vence o mero instinto, que não tem uma forma física separada, mas faz parte da organização humana geral.

Portanto, vemos, a partir das almas grupais animais, que existe um enorme coletivo vivo e que o nascimento e a morte do ser vivo animal se apresentam como o fundamento espiritual que sempre consegue vencer a particularidade de cada animal específico. Assim, descrevemos a morte no animal como a alma grupal que perpassa o definhamento e a decadência de cada forma animal avulsa. Somente poderíamos falar da morte real de um animal se não considerarmos o que fica do animal após sua morte e que, de certo modo, é o espiritual, assim como no ser humano é aquilo que, na medida em que se eleva sobre si mesmo, vence a constituição anímica e o que está condenado a vegetar.

O dia que o darwinismo se superar, então verá como uma linha de desenvolvimento atravessa, desde os tempos mais antigos até o futuro mais longínquo, o que aparenta ser o nascimento e a morte no reino animal, de tal forma que o desenvolvimento integral desse reino levará à vitória, na medida em que a forma particular inferior de cada animal será vencida e expulsa da totalidade do mundo espiritual, o elemento inferior que vive em cada animal singular será deixado para trás e, um dia, o instinto que surge na animalidade geral será derrotado.

Se agora olharmos para aquilo que chamamos de a natureza volitiva do ser humano, se não apenas falarmos de que ele vivencia nas suas representações mentais e das quais pode se lembrar novamente e não considerarmos somente a constituição anímica aninhada nas profundezas de sua organização, mas se contemplarmos os impulsos de sua vontade, então podemos dizer: eles constituem o que existe de mais enigmático da natureza humana. A maneira como a pessoa é determinada em relação aos impulsos de sua vontade depende das suas experiências de vida.

Independente do ponto que olhamos retrospectivamente a nossa vida, encontramos sempre processos permanentes, nos quais uma vivência anímica se une a uma outra. Mas também vemos como as vivências basicamente fluem em nossa vontade e, assim, podemos dizer: se nos observarmos, veremos que, de fato, somos mais ricos em nossas representações mentais, mas mais maduros em relação aos impulsos da nossa vontade. Sem dúvida nenhuma, amadurecemos especialmente no que diz respeito à nossa vontade. Quem faz algum tipo de retrospectiva da vida, conhece essa situação de que, independentemente de qualquer coisa, nós agimos na vida.

Massó ficamos sabendo como deveríamos ter agido depois de tudo ter acontecido. Cada um de nós sabe que quase não tem a possibilidade de viver novamente a mesma situação, de utilizar em uma oportunidade posterior aquilo que conquistou, talvez através de erros ou prejuízos, em termos de maturidade. Mas cada um de nós sabe que o vivido passa a constituir o conjunto de sua constituição volitiva, o que chamamos de a sabedoria da vontade, e que isso integra a maturidade que gradualmente construímos. Nossa vida volitiva torna-se cada vez mais madura. Nossos sentimentos, representações mentais, etc., se unem à nossa vontade para torná-la crescentemente madura, inclusive em relação aos nossos afazeres externos.

Passamos a ser mais maduros no pensar graças às experiências da vida, mas isso é apenas a maturidade atingida na vontade, que se expressa na concatenação dos pensamentos. Assim, numa retrospectiva, vemos que nossa vida anímica integral sempre nos conduz ao centro de nossa essência, que existe além dos impulsos volitivos, e que essa gradativa maturidade nela se manifesta. Ao considerar isso, temos o terceiro elemento do desenvolvimento humano, do qual podemos dizer: na vida, educamo-nos através do corpo físico.

Crescemos nesse elemento e, a partir dele, crescemos além do que éramos ao entrar na vida através do nascimento. Na medida em que assumimos um corpo físico nesta existência, e ele constitui o instrumento que a nossa alma deve utilizar assim como usa a razão e o cérebro, a nossa essência anímica se apropria {gradualmente} da maturidade existencial, das experiências da vida, que se cristaliza na constituição geral da vontade, na totalidade da maturidade volitiva.

Mas geralmente não estamos em condições de realizar numa mesma vida o que vive nos nossos impulsos volitivos. Eis a questão colocada ao ser humano: o que são esses impulsos da vontade, que formamos como sendo o mais íntimo bem anímico, que possivelmente tornaram-se nossos justamente através de nossas imperfeições e que nunca poderemos expressá-los {numa única vida}?

Na segunda parte de nossas considerações, concluímos que o conteúdo de nossas vivências anímicas enviado ao fundo de nossa essência conduz à nossa constituição física e anímica geral, às nossas disposições, ao que a vida fez de nós em relação a saúde e doença, se somos mais melancólicos ou expressamos mais alegria. Porém, o que fizemos conosco mesmo em relação à constituição volitiva passa a integrar o nosso mais íntimo ser. É aquilo que passamos a ser na vida.

Mas através disso também crescemos além do que fomos {no passado}. Quando na segunda metade da vida o nosso estado {físico} piora, percebemos como nosso corpo não permite viver o que, graças aos impulsos da nossa vontade, passamos a ser. Em suma, vemos que, devido a que participamos da vida conhecendo, sentindo e querendo, seremos algo completamente daquilo que já somos, que bate contra o que já somos. Sentimos no interior da alma, por meio da nossa maturidade existencial, que chocamos contra o que passamos a ser através da nossa disposição física e anímica. Sentimos interiormente como o conjunto da constituição volitiva e a maturidade adquirida na vida se chocam contra a constituição geral de nossa organização, mas, no fundo, também sentimos essa contradição em cada impulso volitivo que leva à ação.

É assim porque, até certo ponto, captamos nossos pensamentos e sentimentos, mas não dá para saber de fora como a vontade se transformará em ação, em ato. A vontade se choca, digamos assim, contra a vida exterior e somente assim toma consciência de si mesma. A exemplo do que é

possível acompanhar na vida anímica, no conjunto da vida e na organização corporal, aqui também podemos observar o seguinte: a vontade deve quebrar, deve romper, nesta vida as habilidades que o ser humano passou a ter a partir de suas disposições, pois, caso contrário, a vontade nunca poderia fazer valer o que ela quer.

Da mesma maneira como o ser humano somente pode se tornar consciente no choque com a realidade, ele só consegue se sentir como um processo em andamento quando a vontade destrói a totalidade da sua vida física, assim como a vida das representações mentais destrói o cérebro. Mas enquanto o sono pode reequilibrar esse último processo, não é possível refazer a vontade, que, ao contrário, deve começar um progressivo processo de destruição de toda a vida através dos impulsos da vontade.

Constatamos, portanto, que o ser humano deve destruir seu organismo e, dessa maneira, {confirmamos} a necessidade que ele tem da verdadeira morte. Assim como concordamos anteriormente com a necessidade do sono para a vida das representações mentais, agora concordamos com a necessidade da morte para a vida volitiva. Pois, somente porque o ser humano se opõe com sua organização corporal à vontade, é que a vontade atinge a autoconsciência, se fortalece a si mesma e, através do limiar da morte, entra na vida do mundo espiritual, onde ela se apropria das forças para, numa futura encarnação, poder construir aquilo que ela na recém abandonada corporalidade não pode mais atingir. Somente numa próxima vida na Terra se manifestará o novo que poderá nascer na sua consciência, aquilo que as disposições da vida anterior prepararam para o que virá, quando o ser humano vai construir o seu novo destino, a sua vindoura vida terrena.

Enquanto que em relação à morte no reino vegetal só podemos falar de um despertar e adormecer de toda a natureza da Terra, enquanto que no reino animal só podemos comparar a morte com a ascensão e a queda dos instintos inferiores na nossa vida, unicamente com a morte do ser humano temos indícios, através da destruição de uma vida, da existência que se renova cíclicamente. Como somente através da destruição de uma vida podemos receber o que surgirá numa outra existência e assim caminha-se para a verdadeira perfeição da totalidade da vida humana, é assim também que a vontade do ser humano precisa da morte do corpo físico para adquirir a autoconsciência da sua constituição integral. Igualmente, ao passarmos pelo limiar da morte, a verdadeira vivência necessária, basicamente, só ocorre quando o ser humano testemunha o progressivo definhar e a morte da sua própria organização corporal.

Nesse processo, a vontade cresce cada vez mais diante das resistências que o corpo físico oferece e, assim, prepara-se para ser aquilo que viverá eternamente. Com execução do que os senhores possam encontrar sobre o que a Ciência Espiritual diz a respeito da morte não-natural, torna-se compreensível que a morte ocorrida em caso de acidente, suicídio ou eventos parecidos, é algo absolutamente diferente da morte natural, pois esta dá a garantia do desabrochar de uma nova vida. De certa forma, a morte não-natural pode também perfeitamente representar um avanço no destino geral de um ser humano. Mas a vitória sobre a corporalidade, que a vontade somente deverá vivenciar na sua constituição integral, permanece, de certo modo, como sendo uma força interior e deve seguir um caminho diferente daquele tomado pela pessoa que passou pelo limiar da morte de maneira inatural.

Vemos, em consequência do exposto, que somente podemos falar da morte quando fazemos referência à constituição de algo parecido a uma nova volição para uma nova vida, e que, portanto, não podemos falar de uma verdadeira morte no caso de outros seres. No caso do ser humano, devemos falar de tal forma que não apenas as palavras de Goethe⁵ sejam verdadeiras – “A natureza criou a morte para ter muitas vidas” –, mas devemos dizer: se não houvesse a morte, seria necessário desejar que ela existisse, pois, graças às resistências que a organização corporal oferece e ao seu definhar, a morte brinda à vontade a oportunidade de crescer cada vez mais rumo a uma nova vida.

Isso oferece ao desenvolvimento a possibilidade de avançar ao longo das diversas encarnações, de tal forma que, mesmo que nas próximas vidas não seja assim e haja retrocessos, a vida se plasmará cada vez mais elevada. No decorrer geral das reencarnações, porém, pode-se constatar o referido avanço.

Assim, a morte mostra ser um grande elemento que fortalece a vida volitiva para o conjunto da vida espiritual. Conforme já disse, vemos que a nova Ciência Natural depara-se com a Ciência Espiritual, mesmo que gaguejante, na medida em que aponta que a morte representa uma espécie de processo de envenenamento.

Sim, exatamente, tudo é desenvolvimento espiritual que segue seu próprio caminho autônomo, é devastação, é destruição, da vida corporal exterior. Aquilo que a vida das representações mentais devasta no ser humano é novamente restaurado pelo sono. O que a natureza instintiva humana destrói é novamente restaurado por meio de elevados sentimentos e sensações morais e estéticos.

A destruição da organização corporal pela ação do elemento volitivo é restaurada ao longo da totalidade da vida humana graças à maturidade da vida volitiva, que passa pela morte e pode organizar uma nova vida. É assim que a morte faz sentido. É o sentido pelo qual o ser humano não somente pode pensar a eternidade, mas realmente senti-la em si mesmo.

Quem contempla a morte dessa maneira, vê-la aproximar-se como a potência que leva o corpo físico à decadência, mas vê também essa decadência iluminada como a aurora de uma nova vida anímica humana, que o ser humano vivencia de encarnação em encarnação ao longo da eternidade,.

Somente quando a pessoa compreender o sentido da morte para a eternidade humana é que ela captará o sentido da morte para a totalidade da natureza. Mas também deve afastar-se da difundida e insensata consideração que fala da morte de animais e de plantas, deve saber que somente pode-se falar realmente da morte quando também observa o destino que o espírito vivencia por meio da corporalidade e vê os fatos que o espírito deve corrigir na corporalidade para aumentar cada vez mais a própria perfeição. O espírito deve entregar o corpo à morte para que o espírito mesmo possa elevar-se em voo rumo a cada vez mais altos estágios de perfeição.

5 A frase consta da obra de Wolfgang von Goethe, *Hino à natureza*.

Se considerarmos a morte no mundo humano a partir deste ponto de vista, então nossa alma discorre sobre como o espiritual-anímico do ser humano pode atingir a mais elevada perfeição através da morte, mas também como, em relação à morte de animais e de plantas, o espírito ilumina todas as manifestações. A alma pode fazer a seguinte consoladora mas também estimulante confissão para todas as esperanças da vida:

Todo ser surgiu do espírito,
Toda vida está enraizada no espírito,
Todas as criaturas dirigem-se ao espírito.

* GA 61 A história do ser humano à luz da pesquisa espiritual, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1983.

NT: alguns parágrafos do texto original em alemão foram parcialmente divididos, de forma a facilitar a leitura.